

# O estudo e a instalação da colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia

Luís Manuel de Araújo\*

## Resumo

A colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia, a maior do seu género em Portugal, foi estudada entre 1987 e 1993. Embora a quase totalidade do acervo estivesse exposto na «Sala do Egipto» até 1980, nunca tinha sido objecto de um estudo sistemático e as poucas fichas dos objectos que existiam não estavam completas. Foram por isso identificadas individualmente todas as peças, detectadas as suas origens e seleccionadas as cerca de trezentas peças que iriam figurar na exposição permanente e no respectivo catálogo.

## Abstract

*The egyptian collection of antiquities of the Museu Nacional de Arqueologia, the largest of it's kind in Portugal, has been studied between 1987 and 1993. Although most of this collection has been exposed in the «Sala do Egipto» until 1980, it has never been the object of a systematic study, and the few existing files on the objects were incomplete. Therefore, the pieces were individually identified, their origins were found and about three hundred of them were selected for the permanent exhibition and the catalogue.*

---

\* Professor da Faculdade de Letras de Lisboa, comissário científico para a exposição das antiguidades egípcias, e investigador externo do Museu Nacional de Arqueologia.

# O estudo e a instalação da colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia

Luis Manuel de Azeiteiro\*

## Resumo

A colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia é maior do que nunca em Portugal, foi estudada entre 1987 e 1993. Embora a quase totalidade do acervo estivesse exposta na sala de figuras até 1980, nunca mais sido objecto de um estudo sistemático e as poucas fichas dos objectos que existiam não estavam completas. Foram por isso elaboradas individualmente todas as peças, deturpadas as suas origens e seleccionadas as peças de maior importância que foram levadas ao espaço permanente e ao respectivo catálogo.

## Abstract

The Egyptian collection of antiquities of the Museu Nacional de Arqueologia the largest of its kind in Portugal, has never studied between 1987 and 1993. Although most of this collection has been exposed in the Sala de Figuras until 1980, it has never been the object of a systematic study, and the few existing files on the objects were incomplete. Therefore, the pieces were individually identified, their origins were found and about three hundred of them were selected for the permanent exhibition and the catalogue.

\* Professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, responsável científico pela exposição de antiguidades egípcias e responsável técnico do Museu Nacional de Arqueologia.

Em meados de 1986 iniciou-se o estudo da colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia, na altura guardada nas reservas, depois de ter estado exposta até 1980. Para o efeito foi estabelecido um acordo de base entre o investigador e a direcção do Museu mediante o qual se devia seguir um plano de trabalho que previa a atribuição de um número de colecção a todos os objectos e acompanhar o processo de fotografia de cada um deles para inclusão nas respectivas fichas individuais. Como as habituais fichas do Museu não serviam para os propósitos em causa foi concebido um novo modelo para a colecção egípcia a fim de registar a identificação, a descrição e a atribuição cronológico-cultural do objecto, com uma folha em anexo para as inscrições hieroglíficas e respectiva tradução.

Depois de identificadas individualmente todas as peças, importava ainda levar a cabo uma investigação histórico-documental acerca das condições de constituição do acervo, com a caracterização dos diferentes lotes de entrada. Esperava-se então que o trabalho tivesse o seu lógico e natural remate com a edição de um guia para o visitante da exposição e um catálogo com dois volumes, onde, com a maior minudência e com boas imagens, se apresentariam os 309 objectos expostos (no 1.º volume) e os que iriam ficar nas reservas (no 2.º volume).

## Principais dificuldades

Entre as várias dificuldades que ao longo dos sete anos de estudo foram surgindo destaca-se a ausência de documentação, nomeadamente a falta da lista de entrada da colecção Palmela, ou a falsa documentação, como foi o caso de uma lista enumerando os objectos de um estranho «Núcleo Keruskia III». Constituíram ainda sério factor de perturbação as antigas descrições de peças feitas de forma confusa e incompleta, quando não mesmo de forma aberrante.

Sem querer ser deslegante ou ofensivo para quem quer que seja, a verdade é que as listas de proveniência de peças elaboradas antes de 1984 revelaram, em parte, ser pura adulteração, enquanto a atribuição cronológico-cultural de certos objectos e a respectiva descrição mostrou que os aspectos científicos

foram em grande medida postos de lado, em invenções por vezes grosseiras – o exemplo mais chocante é aquele que registava a presença de uma imagem do faraó Tutankhamon ou de uma determinada divindade como sendo Krishna, uma divindade indiana!!!

Quanto à lista do núcleo Leite de Vasconcelos estavam lá 136 objectos, quando afinal o emérito arqueólogo trouxe do Egipto (onde se deslocara em 1909 para assistir a um Congresso de Arqueologia) apenas 73, conforme consta no «Livro de Entradas». O chamado núcleo «Paços Reais» indicava só 21 peças, muito pouco para a totalidade dos objectos que vieram do Palácio Nacional da Ajuda, do Palácio das Necessidades e do Museu Nacional de Arte Antiga, que no seu conjunto eram mais de duzentos, correspondendo às antiguidades trazidas do Egipto pela rainha D. Amélia na sequência da viagem de 1903 e que depois foram arroladas com a implantação da República.

Entretanto, um amarelecido documento mencionava a entrada de uma vineta de amuletos egípcios oferecidos por J. Júdice, mas não foi possível identificá-los entre as dezenas de amuletos da colecção, tal como não foi possível descobrir as seis pontas de seta trazidas do Egipto por Leite de Vasconcelos, perdidas entre os milhares de pontas que o Museu possui.

As velhas fotos de arquivo foram úteis para perceber como se encontravam as peças expostas durante a gestão de D. Fernando de Almeida (1966-1973), podendo ver-se que então se mostrava um sarcófago numa vitrina em posição vertical, como sucede noutros prestigiados acervos internacionais. Mas as fotos antigas serviram também para confirmar o desaparecimento de um vaso de vísceras, enquanto uma carta dirigida pelo director do Museu ao Director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, datada de Maio de 1970, dava conta do roubo de várias estatuetas funerárias, sem especificar a quantidade dos objectos desaparecidos.

Quanto ao número de peças de proveniência desconhecida que existem em todas as colecções do género, uma pequena lista indicava apenas a existência de quatro nessas circunstâncias. Sendo manifestamente poucas procurou-se a explicação para o insólito facto: é que afinal outras listas estavam ilusoriamente muito desenvolvidas, tendo sido atribuídas peças de acordo com critérios atípicos e sem o rigor que as circunstâncias e a seriedade da pesquisa impunham.

## Origem dos objectos

A identificação dos objectos do acervo foi a primeira tarefa a ser levada a cabo, para se aquilatar, numa primeira análise, não apenas do valor de cada objecto mas para se conhecer o seu número total, já que as listas existentes na altura se mostravam algo desorganizadas. Através da documentação existente procurou-se também conhecer qual a origem das peças.

A colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia possui 584 objectos inventariados, de desigual importância, desde fragmentos arquitectónicos, estelas e sarcófagos antropomórficos a pequenas contas informes. Coube a Leite de Vasconcelos, o fundador do Museu e primeiro director, organizar o núcleo inicial a partir de uns setenta objectos por ele trazidos do Egipto em 1909, aos quais se foram juntando as peças obtidas pela rainha

D. Amélia durante a sua visita ao Egipto (vindas do Museu Nacional de Arte Antiga e dos palácios da Ajuda e das Necessidades), e as doações da família Palmela, de Bustorff Silva e de Barros e Sá, a que se juntam dois objectos doados por Firmino Falcão e outros dois vindos dos Serviços Geológicos de Portugal.

Como acima foi dito, houve que desvendar o «mistério» de um núcleo designado por «Keruskia III» ao qual se atribuíam 238 peças! Consta que esse lote tinha entrado no Museu na sequência da captura de um barco alemão refugiado no Tejo ou, segundo uma «tradição oral» mais lucubrate, naufragado perto de Lisboa, dando à costa múmias e sarcófagos e os mais variados objectos do antigo Egipto. Afinal, como bem se conclui pelo estudo da nutrida documentação existente no Ministério dos Negócios Estrangeiros, o navio «Cheruskia» capturado com mais setenta navios alemães no Tejo em Março de 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, não trazia antiguidades egípcias mas assírio-babilónicas, resultado das escavações da Deutsch Orientgesellschaft na Mesopotâmia em finais do século XIX e inícios do século XX.

Detectadas, no essencial, as diferentes origens dos núcleos de antiguidades, ficou um grupo de cerca de cinquenta objectos por atribuir, constituindo esses a lista das peças com origem desconhecida em contraste com os quatro que inicialmente pertenciam a este nebuloso núcleo. De lado ficaram ainda cerca de dez objectos considerados como sendo falsos, não passando alguns deles de toscas imitações de antiguidades egípcias. Isolaram-se também dois fragmentos líticos (um «do Serapeum», outro oriundo da zona de Guiza) que tinham estado expostos até 1980, mas que manifestamente estavam deslocados no conjunto do acervo.

## As peças seleccionadas

Só em meados de 1993 se teve conhecimento que a abertura ao público da exposição permanente dos objectos egípcios ocorreria em Dezembro desse ano. Separar as peças que iam ser expostas tornou-se então a grande prioridade, numa altura em que iam começar as obras no espaço destinado à permanente mostra. Para isso tornou-se necessário ter uma visão ampla do total dos objectos a expor, e assim foram retirados das suas caixas e dos acondicionamentos protectores onde se encontravam os que se guardavam nas reservas, a que se juntaram os objectos em bronze que se conservavam na «sala seca». Na ampla sala de reuniões do Museu foi então possível espalhar o acervo seleccionado para exposição exceptuando, por motivos evidentes, os grandes blocos epigráficos e os altares de oferenda que continuaram na área das reservas, o mesmo sucedendo com os sarcófagos e respectivas múmias guardadas no espaço então designado por «sala das múmias».

Inicialmente tinham sido seleccionadas 230 peças para exibição, integradas em doze unidades temático-cronológicas, numa altura em que o espaço disponível era então menor do que aquele que depois foi atribuído. Quando ficou decidido em definitivo o espaço para a montagem do circuito expositivo, ocupando quatro salas e um corredor, uma nova escolha veio aumentar o número de peças a expor para 309, distribuídas por catorze unidades temático-cronológicas:

### Abertura da exposição – Olho de Hórus (*udjat*)

- 1 – A Pré-História do Egipto: 19 objectos
- 2 – Recipientes de pedra: 19 objectos
- 3 – Objectos do quotidiano: 20 objectos
- 4 – Epigrafia e lítica funerária: 13 objectos
- 5 – Estatuária e fragmentos diversos: 15 objectos
- 6 – Chauabtis (estatuetas funerárias): 56 objectos
- 7 – Estatuetas votivas e de servos: 7 objectos
- 8 – Amuletos: 50 objectos
- 9 – Escaravelhos: 12 objectos
- 10 – A mumificação: 24 objectos
- 11 – Cones funerários: 4 objectos
- 12 – Objectos de bronze: 27 objectos
- 13 – O Egipto Greco-romano: 34 objectos
- 14 – O Egipto copta: 8 objectos

Algumas das peças do acervo foram restauradas e limpas no Museu Monográfico de Conimbriga (máscaras funerárias e estatuetas de faiança e de bronze) e no Instituto José de Figueiredo (tecidos coptas). Os laboratórios do próprio Museu se encarregaram de alguns trabalhos de restauro e consolidação de peças, com o apoio do Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Arqueológico e Arquitectónico.

## A exposição

A partir do esquema inicial de distribuição dos objectos pelos catorze núcleos expositivos, coube ao arquitecto João Bento de Almeida, com a colaboração de Célia Anica, conceber e dirigir a instalação de um novo e funcional circuito museológico com a readaptação do espaço da antiga «Sala do Egipto». Para *ex-libris* do acervo exposto foi escolhido o relevo lítico que representa o olho mágico do deus Hórus, o *udjat*, figurando logo no átrio de recepção, tendo na parede ao lado a instrutiva e esclarecedora epígrafe lapidar de Eça de Queirós: «O Egipto é um país simples, luminoso e claro».

Como apoio para o visitante existe um mapa do Egipto logo à entrada, e para cada unidade foi concebido um texto genérico e de fácil apreensão colocado em painéis de vidro ou, quando tal não foi possível, no interior das próprias vitrinas (caso do núcleo de «Objectos do quotidiano» e de «Cones funerários»).

A unidade dedicada à «Mumificação» foi considerada como o cerne da exposição de antiguidades egípcias, respondendo assim ao conhecido interesse do público em relação aos venerandos corpos (um deles ficou à vista) e aos sarcófagos (dois em exibição). A firma Enatra encarregou-se das obras de remodelação do espaço, a iluminação esteve a cargo de Vítor Vajão e à Ventilarco coube instalar o sistema de ventilação.

## O catálogo

O catálogo teve a concepção gráfica de José António Rosado Flores, excelentemente documentado com as fotos de José Pessoa, do Arquivo Nacional de Fotografia (à excepção da múmia humana e de uma máscara funerária que não foi fotografada por se encontrar então em restauro nos laboratórios de Conimbriga). Para a elaboração dos textos contou-se com a colaboração especializada de Fernando Real (minerais e rochas), Luís Raposo (objectos pré-históricos), Maria Isabel Rebelo Gonçalves e Luís Coelho (Egipto greco-romano), António Faria (numária ptolemaica), José Augusto Ramos (Egipto copta) e Jeanette Nolen (cerâmica).

O texto referente a cada peça é antecedido por um bloco de dados identificadores que refere o número de catálogo e a designação do objecto, o material e a cor, o local de origem, a época, as dimensões, a proveniência (isto é, a colecção onde anteriormente se encontrava a peça) e o número de inventário. Segue-se a sucinta descrição do objecto e os apropriados comentários, apresentando-se, quando eles existem, os textos hieroglíficos e a respectiva tradução. Sempre que se justifica aparece a indicação bibliográfica (o nome do autor e data de publicação) respeitante à consulta feita, prevendo-se que uma completa lista bibliográfica surja desenvolvida no 2.º volume.

Infelizmente, não foi possível na data da inauguração ter pronto o 2.º volume da obra, previsto desde o início, mas que até hoje não foi editado. Ele deverá conter todas as peças que se guardam nas reservas do Museu (mais de duzentas), bem como a tábua de concordância dos números identificadores dos objectos que ao longo dos anos foram sendo atribuídos a cada um deles, um glossário que explique e esclareça os muitos nomes egípcios, próprios e comuns, que amiúde surgem no catálogo, rematando com a lista das obras e artigos consultados.

## Os primeiros doze meses

Ao longo do ano de 1994 o comissário científico percorreu com alguma assiduidade a sala da exposição, quer conduzindo visitas de estudo quer, por iniciativa própria, para elaboração de relatórios acerca da situação das peças expostas (logo em Fevereiro foi feito um relatório exaustivo), aos quais o director do Museu, na altura o Dr. Francisco Alves, procurava atender com solicitude, reparando as falhas detectadas.

Uma das mais preocupantes faltas era a colocação de redomas de acrílico para protecção de um busto faraónico de basalto (n.º 76), a estatueta do carneiro de Amon (esfinge criocéfala, n.º 79) e na estela funerária greco-romana (n.º 268), situação que foi resolvida.

Desde que a exposição permanente das Antiguidades Egípcias abriu ao público foram efectuadas várias visitas ao local para observação detalhada da situação da sala e das peças, com o objectivo de apresentar os mencionados relatórios periódicos (verbais ou escritos), os quais incluíram o registo dos valores de temperatura e humidade. Servem de exemplo os quadros obtidos pelas leituras feitas durante o ano de 1994, com diversos registos dos números marcados pelos aparelhos de medição da temperatura (ideal: 20-22º) e da humidade

(ideal: 60-65%) colocados em algumas das vitrinas do circuito. As oscilações verificadas poderão ser observadas nos seguintes quadros:

QUADRO I

## Registo de humidade

| Locais onde se encontram os termo-higrómetros | Datas das verificações |      |     |      |      |      |     |       |       |
|---|------------------------|------|-----|------|------|------|-----|-------|-------|
|   | 16/3                   | 28/3 | 9/4 | 18/4 | 20/5 | 24/6 | 5/8 | 12/10 | 23/12 |
| 1 – Objectos do quotidiano                    | 62                     | 62   | 63  | 62   | 64   | 64   | 65  | 67    | 68    |
| 2 – Epigrafia e lítica                        | 63                     | 63   | 66  | 70   | 72   | 72   | 69  | 62    | 60    |
| 3 – Chauabtis (de madeira)                    | 68                     | 67   | 70  | 68   | 70   | 70   | 70  | 70    | 70    |
| 4 – Sarcófago de Pabasa                       | 62                     | 62   | 63  | 65   | 68   | 68   | 64  | 65    | 65    |
| 5 – Estatueta de Ptah-Sokar                   | 60                     | 59   | 60  | 59   | 60   | 59   | 65  | 62    | 62    |
| 6 – Encosto de cabeça                         | 60                     | 60   | 61  | 60   | 70   | 60   | 64  | 64    | 63    |
| 7 – Máscara dourada                           | 60                     | 60   | 61  | 59   | 59   | 59   | 61  | 66    | 66    |
| 8 – Fragmento de tecido*                      |                        |      |     |      |      |      |     | 69    | 69    |
| 9 – Múmias de animais                         | 60                     | 60   | 60  | 60   | 60   | 60   | 61  | 66    | 66    |
| 10 – Múmia humana                             | 66                     | 65   | 75  | 65   | 69   | 69   | 70  | 62    | 62    |
| 11 – Sarcófago de Irtieru*                    |                        |      |     |      |      |      |     | 60    | 58    |
| 12 – O Egipto Copta (1)                       | 58                     | 59   | 62  | 60   | 61   | 62   | 69  | 65    | 65    |
| 13 – O Egipto Copta (2)*                      |                        |      |     |      |      |      |     | 66    | 67    |

\* Os termos-higrómetros foram colocados nas vitrinas assinaladas a partir de Setembro de 1994.

QUADRO II

## Registo de temperaturas

| Locais onde se encontram os termo-higrómetros | Datas das verificações |      |     |      |      |      |     |       |       |
|---|------------------------|------|-----|------|------|------|-----|-------|-------|
|   | 16/3                   | 28/3 | 9/4 | 18/4 | 20/5 | 24/6 | 5/8 | 12/10 | 23/12 |
| 1 – Objectos do quotidiano                    | 20                     | 20   | 24  | 22   | 22   | 22   | 23  | 23    | 20    |
| 2 – Epigrafia e lítica                        | 20                     | 20   | 24  | 20   | 21   | 22   | 25  | 24    | 20    |
| 3 – Chauabtis (de madeira)                    | 21                     | 22   | 25  | 22   | 24   | 23   | 24  | 23    | 20    |
| 4 – Sarcófago de Pabasa                       | 21                     | 21   | 25  | 21   | 21   | 22   | 23  | 23    | 20    |
| 5 – Estatueta de Ptah-Sokar                   | 21                     | 21   | 25  | 21   | 22   | 22   | 24  | 23    | 20    |
| 6 – Encosto de cabeça                         | 21                     | 22   | 25  | 22   | 23   | 23   | 23  | 22    | 20    |
| 7 – Máscara dourada                           | 21                     | 21   | 25  | 22   | 23   | 23   | 23  | 22    | 20    |
| 8 – Fragmento de tecido*                      |                        |      |     |      |      |      |     | 23    | 20    |
| 9 – Múmias de animais                         | 22                     | 22   | 25  | 22   | 23   | 23   | 23  | 23    | 20    |
| 10 – Múmia humana                             | 22                     | 22   | 25  | 22   | 23   | 23   | 23  | 23    | 20    |
| 11 – Sarcófago de Irtieru*                    |                        |      |     |      |      |      |     | 24    | 20    |
| 12 – O Egipto Copta (1)                       | 20                     | 20   | 23  | 22   | 23   | 22   | 24  | 24    | 20    |
| 13 – O Egipto Copta (2)*                      |                        |      |     |      |      |      |     | 24    | 20    |

\* Os termos-higrómetros foram colocados nas vitrinas assinaladas a partir de Setembro de 1994.

No final desse ano, depois da assistência técnica da firma que teve a seu cargo os sistemas de ventilação e de ar condicionado (a Ventilarco) foi conseguida a necessária estabilização dos valores ideais, a qual, com maior ou menor oscilação, se manteve nos três anos seguintes. Mas desde o Inverno de 1998 a situação tornou-se preocupante e voltaram os problemas relacionados com a temperatura e a humidade.

Um dos elementos cuja falta mais se lamenta é a de um pequeno guia do visitante da exposição, mais maneável e economicamente mais em conta que o pesado catálogo. Em termos editoriais existem assim três aspectos que se complementam e completam, e para os quais certamente se irá em breve atender: o segundo volume do catálogo, o guia do visitante e um folheto desdobrável congnadamente impresso (este já executado com boa qualidade gráfica).

Desde a abertura da exposição de antiguidades egípcias foram muitas as turmas de alunos do ensino básico e do ensino secundário que a visitaram, tendo o comissário científico conduzido algumas delas, além de ter tomado a seu cargo o acompanhamento das visitas de alunos do ensino superior (turmas da Universidade Portucalense, Universidade Autónoma e da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Guiou ainda as visitas do então secretário de Estado da Cultura, Dr. Santana Lopes, ocorrida logo no princípio de 1994, do presidente da República, Dr. Mário Soares, e do primeiro-ministro, Professor Cavaco Silva, acompanhado, entre outros, pelo presidente da comissão organizadora da «Lisboa 94», Dr. Vítor Constâncio.

## Conclusões

Superadas as iniciais dificuldades, a colecção de antiguidades egípcias foi sendo estudada entre 1987 e 1993 e preparada para ser parcialmente exibida com a selecção das suas peças mais significativas, as quais constam no primeiro volume do catálogo editado pelo Instituto Português de Museus.

O acervo egípcio do Museu Nacional de Arqueologia concorre, com a colecção do Museu Calouste Gulbenkian, a da Sociedade de Geografia de Lisboa, a da Faculdade de Ciências do Porto (Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa), a do Museu da Farmácia, e outros pequenos acervos particulares, para afirmar o nosso país entre o número dos que se interessam pela Egiptologia e que contribuem para uma ampla divulgação dos testemunhos artísticos e utilitários da civilização faraónica. E vivendo o Museu Nacional de Arqueologia sobretudo das exposições temporárias, torna-se notório o papel da exposição das antiguidades egípcias como mostra permanente.

É apreciável o interesse do público visitante (que em todos estes anos se pode calcular em vários milhares) pelas antiguidades egípcias, interesse que se patenteia pela aquisição do catálogo, de réplicas, de postais e de camisolas com motivos egípcios. Por outro lado, são os próprios visitantes (em especial os professores) que chamam a atenção para a falta de diapositivos que mostrem alguns objectos do acervo. Conviria ainda pensar-se, com a necessária antecedência, no fornecimento de mais *sweat-shirts* com motivos egiptológicos que se esgotam com regularidade, e bem assim das novas *T-shirts* com o texto hieroglífico que para o efeito foi elaborado (reproduzindo na horizontal textos verticais do sarcófago de Pabasa).

A estabilização de valores da temperatura e humidade, conseguida em finais do primeiro ano de vida da exposição, tem nos últimos anos sido desvirtuada e em certas vitrinas a percentagem de humidade chega por vezes a ultrapassar os 80%. Resolvido, finalmente, o problema da protecção de objectos apontado em sucessivos relatórios e em vários pedidos verbais, pode-se concluir que em termos de segurança e de condigna exibição dos materiais a exposição atingiu o seu grau de excelência, que poderá ser melhorado quando se resolver a questão da humidade.

A sala das Antiguidades Egípcias continua ainda hoje a merecer a atenção de um significativo número de visitantes, sendo que durante o ano de 1994, e beneficiando da realização da exposição temporária de «Lisboa Subterrânea», integrada na «Lisboa 94», mais de 180.000 entradas foram registadas no Museu Nacional de Arqueologia – e por certo que muitas dessas pessoas foram ver as «múmias de Belém»...

Resta agora promover a edição do segundo volume do catálogo e preparar um guia do visitante, mais maneável e mais acessível economicamente. Restará ainda resolver o problema que entretanto surgiu com o sarcófago de Irtieru, exposto na vertical num muito bom enquadramento em relação à sala da mumificação, e que a partir de 1998 (sem qualquer conotação com a aproximação do final do milénio...), começou perigosamente a inclinar-se por fragilidade da sua base. Será em breve colocado na posição horizontal, como o sarcófago de Pabasa, uma solução viável e prática, mas que jamais fará esquecer a ideal pose vertical de Irtieru quando, erguido e vendo-nos de frente, com olhos nos olhos, nos exhibia aquele sereno semblante de inefável confiança na eternidade.

|   |   |  |   |
|---|---|--|---|
| <br>MUSEU NACIONAL<br>DE ARQUEOLOGIA<br>E<br>ETNOLOGIA                                   | <b>COLEÇÃO DE<br/>         ANTIGUIDADES EGÍCIAS</b> |  | N.º CAT./COL. <b>E 318</b>  |
|   |   |  | N.º ANTIGO _____  |
|   |   |  | N.º ENTRADA _____   |
|   |   |  | N.º INV. GERAL <b>987-53-10</b>   |
|   |   |  | cat.: 241   |
| OBJECTO <i>Estatueta de Osíris</i>  |   |  |   |
| MATÉRIA <i>Bronze (pátina verde)</i>  |   |  |   |
| TÉCNICA <i>Modelação e fundição</i>   |   |  |   |
| PROVENIÊNCIA <i>Baixo Egípto (Mênfis?)</i>  |   |  |   |
| ESTADO DE CONSERVAÇÃO <i>Bom</i>  |   |  |   |
| DESCRIÇÃO <i>Estatueta representando Osíris com os atributos da sua iconografia: coroa atef, péra divina, ceptros reais nas mãos. Tem inscrição hieroglífica na base.</i> |   |  |   |
| ÉPOCA <i>Baixa ou período ptolemaico (séculos VII - III a.C.)</i>   |   |  |   |
|   |   |  |  |
|   |   |  | FOTOGRAFADO EM <b>1992</b> N.º NEG. _____   |

Fig. 1 – Modelo de ficha de inventário concebida para a colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia.

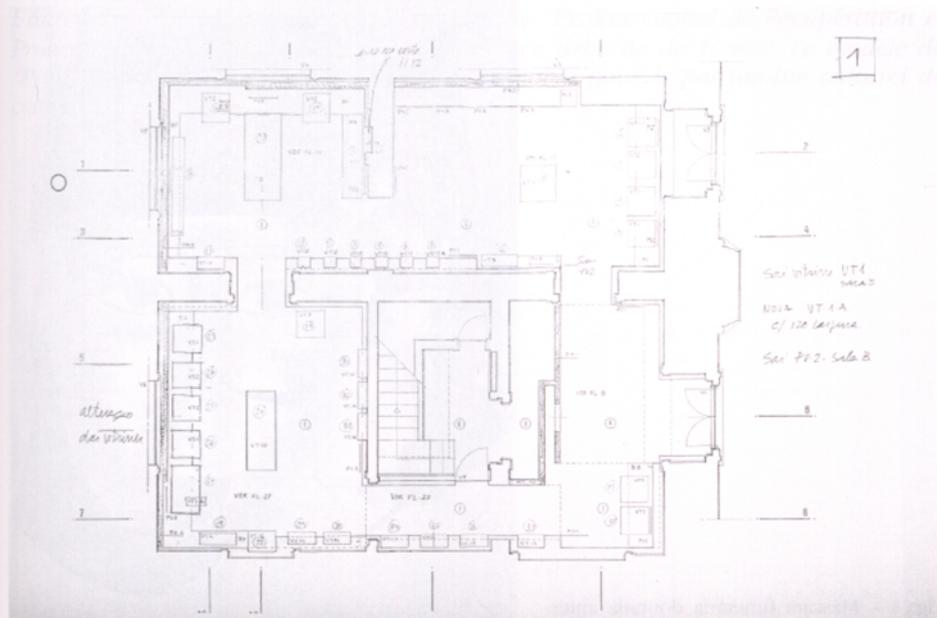


Fig. 2 – Planta da sala das Antiguidades Egípcias idealizada pelo arquitecto João Bento de Almeida.

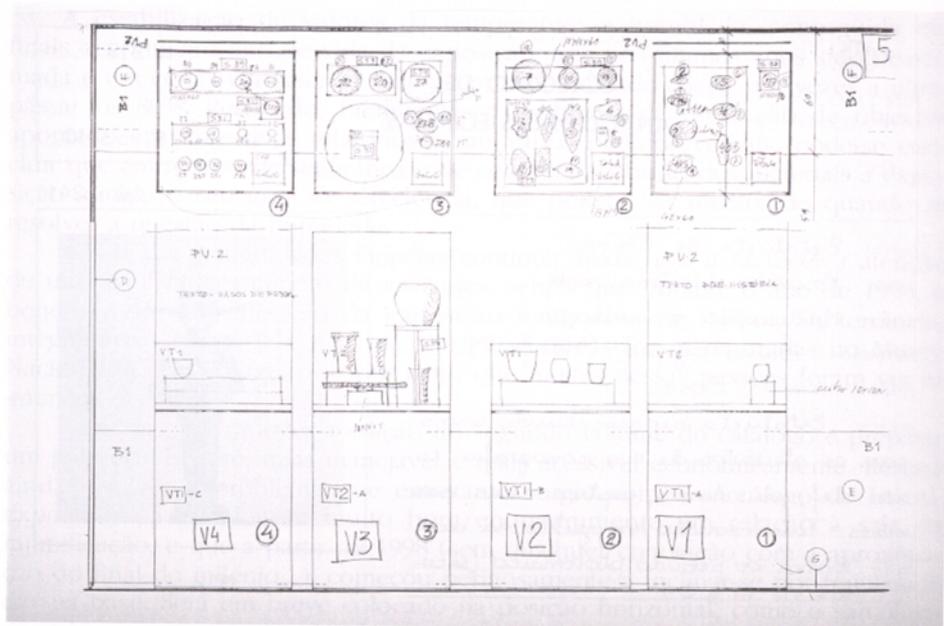


Fig. 3 – Esquema de apresentação museológica dos núcleos de «Pré-História» e «Recipientes diversos».

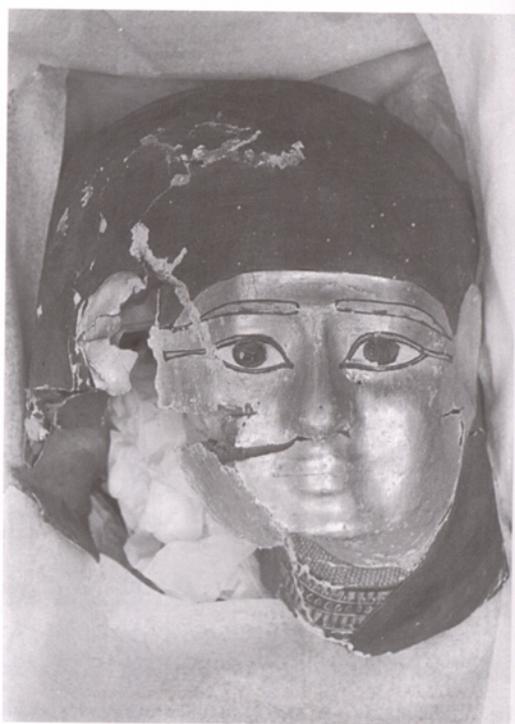


Fig. 4 – Máscara funerária dourada antes do restauro no Museu Monográfico de Conimbriga.